

## O QUE DIZEM AS CARTAS

Célia Marques Telles  
UFBA/CNPq

### 1 INTRODUÇÃO

As cartas, documentos pessoais, muitas vezes mostrando caminho de uma só mão, são um dos meios para se conhecer o autor e a sua obra. Na perspectiva da filologia textual, elas constituem o entorno da obra. Podem dizer muita coisa ou nada, mas têm de ser tomadas com extremo cuidado. Testemunhas silenciosas, as cartas documentam de modo incontestável fatos e datas, traçam sempre o perfil do seu autor, delineado claramente ou nas entrelinhas. No caso das cartas de Arthur de Salles, em especial aquelas dirigidas a Durval de Moraes, podem ser vistas as múltiplas faces da cultura que marcou o momento do poeta, os fatos que o cercam, a própria construção do texto autoral.

### 2 AS CARTAS DE ARTHUR DE SALLES A DURVAL DE MORAES

O exame do conteúdo das cartas de Arthur de Salles vem mostrando alguns resultados desde que se deu início ao agrupamento dos diferentes tipos de cartas, a base da organização do banco de dados. Constituíram-se quatro grupos de correspondência: 1) *AS\_amigos e familiares*, as cartas aos amigos e familiares, em pequeno número, do acervo original da família do poeta; 2) *AS\_HS*, as que integram a totalidade das cartas do Acervo Hélio Simões, algumas delas, na verdade, cartas-poema; 3) *ASDM*, a mais importante coleção de cartas, a correspondência passiva entre Arthur de Salles e Durval de Moraes, núcleo da grande parte dos trabalhos que envolvem o paratexto da obra de Arthur de Salles; 4) *DMASdiversas*, um número reduzido cartas, algumas incompletas, duas em rascunho, do poeta Durval de Moraes a Arthur de Salles.

A preocupação com a correspondência entre Arthur de Salles e Durval de Moraes é o resultado de observações feitas, em entrevistas, pelo Prof. Dr. Hélio Simões, que recomendava ao Grupo de Edição Crítica de Textos a busca dessa correspondência, ressaltando o extremo valor dela para o conhecimento da obra de Arthur de Salles. A localização dessa correspondência, infelizmente passiva<sup>1</sup>, é devida às instâncias da filha do poeta, D. Celina Salles Trigueiros, que, em 1982, entrou em contato com um dos filhos de Durval de Moraes, o Dr. Julival de Moraes, o qual cedeu ao GECT cópias de toda a correspondência. Desde essa época começou-se a catalogação do material, dando-se início em 1989<sup>2</sup> à transcrição das mesmas.

Um primeiro resultado foi apresentado em 1993<sup>3</sup>, com descrição sucinta, apresentação dos critérios de edição e transcrição diplomática de três cartas relacionadas à obra de Arthur de Salles comemorativa do centenário do 2 de Julho (a guerra da independência na Bahia), em 1923. Com a classificação das cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes, as 223 cartas foram distribuídas em cinco grupos, de acordo com a análise do conteúdo: 1) carta + trechos completos de poemas; 2) carta + versos isolados; 3) carta = poemas completos; 4) carta-poema; 5) cartas / informações.

Entretanto, o trabalho com as cartas exigia muito cuidado e extremo comportamento ético. Chegou-se, assim, à discussão sobre ética e política na gestão de acervos, em *Cartas e cartas: “senso comum” e “ética” na utilização da correspondência privada de um autor*<sup>4</sup>, no qual o uso da correspondência privada entre Arthur de Salles e Durval de Moraes é examinado a partir da consideração inicial de que “cartas são documentos privados, ligados

---

<sup>1</sup> Apenas uma das cartas de Durval de Moraes (073:0439) parece ser a resposta a outra de Arthur de Salles (071:0413).

<sup>2</sup> Cf. GAMA, Nilton Vasco da et al. *Edição diplomático-interpretativa do epistolário de Arthur de Salles*. Salvador: ILUFBA/DFEL, 1989.

<sup>3</sup> Cf. GAMA, Nilton Vasco da, VEIGA, Cláudio. *Arthur de Salles e o “2 de Julho”*. Salvador: ALB/UFBA/CEC, 1993. Ed. prep. Por Nilton Vasco da Gama et al. p. 38, 40-1, 95-101.

<sup>4</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. *Cartas e cartas: senso comum e ética na utilização da correspondência privada de um autor*. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 17-23, out. 1998. Publicação dos trabalhos discutidos durante o 3º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros.

diretamente ao direito de personalidade”, com base nas observações de René Ariel Dotti de que:

A correspondência é sempre confidencial e reservada quando se refere à intimidade da vida privada e assim se considera que o direito ao segredo epistolar existe não somente quando se trata de cartas reservadas, mas igualmente, quanto àquelas que não tenham, visivelmente tal caráter.”<sup>5</sup>.

Depois dessas reflexões verificou-se que o direito de uso permite a utilização do conteúdo da correspondência a bem da cultura e da ciência, preservando-se a personalidade dos indivíduos envolvidos<sup>6</sup>.

Com a revisão das transcrições preparou-se o *Catálogo da Correspondência entre Arthur de Salles e Durval de Moraes*<sup>7</sup>, concluído em 2002, que fornece uma descrição do conteúdo de cada uma dessas 223 cartas.

Paralelamente foram analisados alguns aspectos inerentes às cartas, em especial “o silêncio das datas”. Nesse trabalho, Joseli dos Reis Querino, a partir da análise intrínseca das cartas não datadas procurou datá-las, chegando a resultados muito bons<sup>8</sup>. Hoje em dia, poucas são as cartas que não têm atribuição de datas. Outro aspecto estudado são as leituras de Arthur de Salles a partir das suas declarações nas cartas<sup>9</sup>.

## 2.1 Os Fatos que o cercam

São importantes as observações relativas aos fatos do entorno do poeta. Assim, dentro do grupo *cartas-informação*, fez-se uma análise da cultura literária baiana<sup>10</sup>. Nesse momento

<sup>5</sup> Cf. DOTTI, René Ariel. *Proteção da vida privada e liberdade de informação: possibilidades e limites*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1980. p. 83.

<sup>6</sup> Desse modo, em 1997, apresentou-se ao CNPq um projeto sobre a análise da cultura baiana nas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes, como subprojeto do projeto integrado *Resgates da Memória Cultural*. Com auxílio do CNPq, desde então, vêm sendo desenvolvidas análises do material cultural contido nas cartas.

<sup>7</sup> Cf. SANTOS, José Henrique de Freitas. *A Correspondência entre Arthur de Salles e Durval de Moraes: catálogo*. Salvador: UFBA/CNPq, 2002.

<sup>8</sup> Cf. QUERINO, Joseli dos Reis. As cartas e o silêncio das datas. SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, 18. Salvador: UFBA, 1999.

<sup>9</sup> Cf. GOMES, Alessandra Leila Borges. Arthur de Salles e alguns aspectos culturais da Bahia de sua época. SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, 18. Salvador: UFBA, 1999. Trabalho que foi retomado recentemente para a tese de doutoramento de Alícia Duhá Lose

<sup>10</sup> Cf. GAMA, Albertina Ribeiro da, TELLES, Célia Marques. Alguns aspectos da cultura baiana nas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.2, n. 2, p. 92-100, jul. 1996. Na realidade a comunicação apresentada na sessão “Acervos e Preservação da Cultura Literária” no 2º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros realizado em Porto Alegre, em novembro de 1993. Os dois trabalhos apresentados durante esse Encontro, este e *Os Documentos da Coleção Arthur de Salles* (TELLES, Célia Marques. Os Documentos da Coleção Arthur de Salles. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.2, n. 2, p. 75-9, jul. 1996), deram início a uma parceria entre o GECT e a PUCRS.

foram considerados dez tipos de dados sobre a vida cultural da Bahia: a) informações sobre editoração; b) relatos sobre a Academia de Letras da Bahia; c) críticas ao trabalho de tradução e aos tradutores baianos; d) citações de personalidades baianas contemporâneas; e) costumes e tradições na Bahia; f) indicações dos jornais contemporâneos; g) processo de divulgação cultural; h) demolição e modernização da da Bahia (i.e., a cidade de Salvador); i) acontecimentos políticos<sup>11</sup>.

As cartas levaram ao conhecimento do homem Arthur de Salles e da sua atuação nas Letras Baianas, o que permitiu que vários aspectos da obra e do autor fossem esclarecidos. Foi somente a partir das cartas, por exemplo, que se pôde compreender a atuação do neocruzado Arthur de Salles, um dos últimos presidentes da agremiação *Nova Cruzada*, e após a extinção da revista em 1911<sup>12</sup>.

Em carta a que se atribui a data de 12 de maio de 1911, Salles mostra a sua desilusão e o enfraquecimento da *Nova Cruzada*:

A Cruzada faz annos amanha!.... Mandaram-me dizer que eu seguisse para fazer o discurso official. E eu não vou. Pobre Cruzada!... Trecho de terra florido que um verão barbaro vae gretanto, e esterelizando. Visão de saudade e de evocação, pairando, muito alto, como um pincaro luminoso, onde se devia transfigurar a gloriosa gente da minha geração, e que é agora e será mais tarde uma lembrança muito amada, muito doce, iluminada de sonhos, de esperanças de victorias. É assim que a vejo com os olhos da Alma e com o coração quasi desfeito em lagrimas. (071:0417)

---

<sup>11</sup> O estudo dos aspectos da cultura baiana segundo as cartas de Arthur de Salles tem resultado em trabalhos de José Henrique de Freitas Santos, como *O Belo e o Bélico: re-configurações do espaço baiano nas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes*, *A Cultura baiana: a visão do poeta nas cartas de Durval de Moraes*, *A Bahia no século XX nas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes*, *A Cultura baiana na correspondência passiva de Arthur de Salles*, *Culto literário e cultura na correspondência de Arthur de Salles a Durval de Moraes*. Nessa perspectiva foram examinadas as observações de Arthur de Salles sobre o desenrolar dos acontecimentos na Cidade do Salvador, tais como, os efeitos da Primeira Guerra Mundial, a revolução constitucionalista ou os principais fatos culturais da Cidade do Salvador.

<sup>12</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. *O Neocruzado Arthur de Salles. CENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA NOVA CRUZADA (1901-2001)*. Salvador: ALB, 2001. Nessa direção, foi também útil a *Autobiografia* do poeta: “Em 1900 com um grupo brilhante de moços fundou a associação de letras Nova Cruzada que por um espaço de uns dez annos teve larga repercussão nos centros artisticos do pais. Arthur de Salles filiou-se nesse tempo á corrente simbolista.” (039:0183).

Fato corroborado em outra carta, datada de 30 de maio de 1912:

A festa do aniversario da Cruzada, no dia 13 foi tristissima. La estavam a musica, o Seabra, senhoras, e ..... mais ninguem da Cruzada a não ser o Roberto e mais ninguem mais. Minha irmã voltou lamentando a morte da pobresinha. Não houve sessão portanto. (063:0261)

Outro acontecimento cultural, a fundação da Academia de Letras, é assunto de algumas cartas. Em uma delas – sem data, mas provavelmente de 1911, anterior a 18 de janeiro – mostra o seu desprezo pelos fundadores dessa “Academia Bahiana de Letras”:

Fundou-se ha pouco, a Academia Bahiana de Letras, com um pessoal tenebroso. O Almachio está como presidente honorario. É uma legião de grumetes que discutem tudo. A mim deram-me o titulo de chorão. Bemditos sejam. Salles chorão!!!.. Oh!... Ando procurando saber que titulo arranjaram para ti. Ah! Pobres!.... pobres!.... (066:0325)

Em outra carta, datada de 18 de janeiro de 1911, é sarcástico:

Com o que então querias escapar ás alcunhas do[s] academicos? Pois não escapaste. Meus sinceros parabens! Ouve: o Salles um chorão, muito Casimiro, o Galdino faz uns versinhos bonitinhos o Durval faz suas poesias muito longas e superfluas. !!!!!!!!  
Palavra, bandido, estás de sorte! Que alcunha!... Isto é de arrebentar de inveja!....  
O pessoal é tudo chato, nada ha que se salve. O Almachio escreveu no Diario da Tarde um artigo sobre a Academia Bahiana[,] que incomodou muito ao Roberto. (062:0237).

Em carta datada de 30 de março de 1911 aproximadamente, diz Arthur de Salles a Durval de Moraes:

A Academia Bahiana ultimamente installada, nomeou-te socio correspondente. Quando procurei os moços para dizer-lhes que não aceitavas já o Diario dizia noticiando outras nomeações: fomos informados de que o Sr. Durval de Moraes não acceitará. (071:0398)

Em 3 de outubro de 1912 escreve a Durval de Moraes:

Respondo á tua consulta sobre a Academia Bahiana.  
Ella nada tem feito ate agora, seus membros não tem ainda uma unidade de vistas sobre a consolidação dos seus credits della. Não ha muito um artigo firmado por um môço que, se não me falha a memoria, fôra riscado do numero dos seus membros, disse mal dos credits litterarios da maior parte delles, tecendo, ao mesmo tempo, elogios á Nova Cruzada.

Ora, Horcades, auctor do artigo, acha, e eu tambem acho, que o titulo é muito pesado e de muita importancia para uma sociedade de letras ainda em começo, composta pôr moços sem credits firmados.

Quanto á Cruzada: as relações são poucas, sem importancia nenhuma.

Quanto ao titulo de academico correspondente que te quer dar a Academia, penso que podes passar sem elle. Não é isto egoismo de néo-cruzado. Tu, ahi em S. Paulo, já representas a cultura bahiana. Como, pois, representar a Academia que devêra ser, mas que infelizmente não é o expoente da cultura bahiana?... Não achas? até agora, motivo para tanta pressa.

Eis o meu parecer. (063:0275)

Por outro lado, é diversa a reação, quando, em 1917, se funda a atual Academia de Letras da Bahia:

Fundou-se no dia 7 de Março a Academia de Letras da Bahia, por iniciativa do dr. Arlindo Fragoso e com a acquiescência do Governador. O numero dos academicos é de 41, provisoriamente. Dos escolhidos para occuparem as cadeiras, quatro poetas figuram Pethion, Chiachio, Aloysio de Carvalho e eu. Isto surpreendeu-me. (...) E lá estou. Da Nova Cruzada, portanto, da velha cidadella da Arte onde se acolheram para a luta o mais bello punhado de moços, só o Chiachio e o teu velho amigo ... (...) Como vês pela lista nem os patronos nem os academicos ahi estão collocados sob um criterio seguro. Nomes que ficaram esquecidos nomes que não deviam ser lembrados para uma Academia de Letras, individualidades que assentam na cadeira desses patronos e que poderiam ficar fóra. Ahi está. Mas, está fundada a Academia. O Governo considera-lá de utilidade publica. (066:0326)

Por sua vez, o movimento *Arco & Flexa* também é noticiado em carta ao amigo, datada de 21 de julho de 1929:

Mandei-te um numero da revista modernista da Bahia, Arco-Flexa em que apparecem uns versos meus modernistas. Esses senhores pensam que isto é difficil ou inatingivel. No proximo numero publicarei *Cão de Bordo* e o primeiro acto do *Macbeth* de Shakspeare. Nada tenho feito alem dessas pequenas cousas modernistas como uma maneira de matar o tempo. (069:0381)

## 2.2 A Construção do texto autoral

O estudo das cartas mostrou a construção do texto de Salles, mas também daquele de Durval de Moraes. A partir da transcrição e da análise das cartas de Durval de Moraes a Arthur de Salles, descreveu-se um documento de oito fólios e se fez a transcrição do que, na verdade, é uma aula de construção poética<sup>13</sup>. Durval de Moraes escreve um soneto dedicado a

---

<sup>13</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. Uma Carta de Durval de Moraes a Arthur de Salles. *Qvinto Império: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Salvador, n. 6, p. 87-103, 1º sem 1996.

Arthur de Salles, *Ermitão*, em versos de dezesseis sílabas, e, pouco a pouco, o decompõe em um poema de versos brancos<sup>14</sup>.

O exame da correspondência e a trajetória da obra dispersa, originaram dois tipos de discussões. Em primeiro lugar, as cartas tomadas como paratexto da obra<sup>15</sup>, permitiu que se analisassem aspectos do “fazer poético” de Arthur de Salles. A análise do *usus scribendi* e a do *modus scribendi* ajudaram a compreender o processo de construção do discurso do poeta.

Em segundo lugar, três das séries de cartas, as *cartas + trechos completos*, os *poemas completos* e as *cartas-poema* conduziram ao que se denominou o caminho entre as cartas e a impressão da obra dispersa<sup>16</sup>. Nesses grupos de cartas foram encontrados 32 poemas, dos quais alguns – que de início integravam a obra dispersa<sup>17</sup> – foram publicados em livro (*Poesias*)<sup>18</sup>; a sua maioria, porém, teve publicação em periódicos<sup>19</sup>. O texto (poesia ou prosa) enviado ao amigo Durval de Moraes aparece pouco tempo depois publicado em uma revista de circulação nacional. Assim, o percurso entre o manuscrito e a primeira publicação do poema, acompanhando o trajeto da obra e a importância de Durval de Moraes na divulgação da mesma, pôde ser traçado sem maiores dificuldades. Em carta de 16 de maio de 1924, quando remete a Durval de Moraes os poemas *Veneza* e *Sub umbra*, escreve Arthur de Salles: “...Ahi vão estes versos que encontrei mais a mão, (...) Faze delles o que quizeres...” (070:0391).

---

<sup>14</sup> Paralelamente ao estudo das cartas o levantamento da obra dispersa de Arthur de Salles levou à documentação de que esse soneto foi publicado, com o auxílio de Arthur de Salles na revista baiana *Os Annaes*, de 1914. Esse fato permitiu que a carta fosse datada *ad quem* de 1914. (Cf. MORAES, Durval de. *Ermitão. Os Annaes*, Bahia, ano 4, n. 3, p. 44, mar. 1914. Com inúmeros erros de composição, que alteram a configuração do poema).

<sup>15</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. A Correspondência de Arthur de Salles e a edição crítica de sua obra. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v.2, n. 1, p. 113-6.

<sup>16</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. Das cartas à impressão: uma trajetória. *Leitura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*, Maceió, n. 22, p. 43-51, jul.-dez. 1998.

<sup>17</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. *A Obra dispersa de Arthur de Salles: prosa e verso*. Salvador: ALB, 2002. Conferência no *Curso Castro Alves: o Cinquentenário de Morte de Arthur de Salles*.

<sup>18</sup> Cf. SALLES, Arthur de. *Poesias: 1901-1915*. Salvador: Imprensa Oficial, 1920.

<sup>19</sup> Cf. TELLES, Célia Marques et al. *A Obra dispersa de Arthur de Salles publicada em periódicos. Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 27-28, 2001. No prelo.

Isso, sem contar que a correspondência entre os dois poetas é de fundamental importância para a edição crítica dos seus dispersos<sup>20</sup>, , como se pode ver nas cartas:

Esta poesia vae sem retoque, sahiu-me assim e assim t'a envio. (063: 0268)  
Mas os meus versos, como já de sobra o sabes, são inacabados. (070:0393)  
Dá-me estes versos ao Cicero. Vão como os escrevi, isto é, sem caprichos calligraphicos. (065:0305)

Assim tambem uns versos começados que te mostrei na ultima viagem. Não sei se os levaste ou se perdi ou deixamos lá na casa, em S. José...O borrão destes versos está illegivel agora e mesmo sem as correcções. Estão em estado amorpho. Deus permitta que em tuas mãos estejam. (066:0324)

Não achei ainda os versos de Santa Thereza. Quando passo a limpo rasgo sempre o borrão. ((071:0421)

Ahi vão, porque assim o queres, os versos pedidos. Louvo-te a paciencia e não te invejo o gosto, bom proveito te façam elles que a mim... Algumas estrophes precisam de reforma maximè a terceira cujos dous ultimos versos não me agradam. (071:0410)

Por outro lado, vêem-se testemunhos do aceite das correções feitas por Durval de Moraes: é o caso, por exemplo, das emendas sugeridas ao amigo no manuscrito do poema *Á Mercê das scismas* (072:0429, s.d., mas provavelmente de 30 nov. 1911). Na carta (062:0250, provavelmente anterior a 30 nov. 1911) diz Arthur de Salles, esclarecendo as correções que ele próprio fizera no original (naquele momento apenso à carta):

Quanto aos versos, se alguma cousa escapar, fica ao teu cuidado endireitar.  
Há um trecho que não sei se está intelligivel por isso transcrevo:  
Então meu velho Mar  
Para esse bem que não se alcança,  
Para a esperança que se perde... etc. (i.e, v. 74-76).

O poema traz as emendas de Durval de Moraes (que teve o “cuidado de endireitar” os versos) e, em carta de 30 nov. 1911 (062:0249), diz Arthur de Salles, aceitando as sugestões do poeta amigo:

Eil-os os exigidos concertos.  
Na hora magna da Vida – essa hora da Tristeza.  
A mão que abafa o grito ao que blasphema e o aquece  
{ Se do negro Destino etc.  
{ e quantos, por esta hora, a vaga tenebrosa  
{ E o tragico esplendor... –  
Quanto ao exsurge ficou excellente. É um Verbo muito meu amigo. (i.e., respectivamente, v. 35, 66, 70, 84, 89 e 29).

---

<sup>20</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. As Cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes: o homem e a obra. *Qvinto Império: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Salvador, n. 14, p. 69-74, jul. 2001.

Desse modo, são as cartas testemunhos imprescindíveis do “fazer poético” do poeta baiano.

Nessa mesma direção, levando-se em conta quatro das séries de cartas: as *cartas + versos isolados*, as *cartas + poemas completos*, as *cartas-poema* e as *cartas/ informação*, estudaram-se as “*Variantes autorais*” nas cartas de Arthur de Salles<sup>21</sup>.

### 2.3 O Tracejamento do perfil do poeta

Ao se refazer o perfil de Arthur de Salles, foram as cartas o mais seguro elemento para a confirmação de datas e fatos da sua vida<sup>22</sup>. Elas, por exemplo, confirmaram o que se acha escrito na *autobiografia* sobre o início da atividade poética de Arthur de Salles: “O poeta começou a versejar ahi pelos 13 annos”<sup>23</sup>, período em que morava em Estância, em Sergipe, como declara a Durval de Moraes em carta de 14 de dezembro de 1935:

É que nesta cidade estive eu dos doze aos quatorze annos. (...) A essa altura veio-me o primeiro verso, a primeira quadra truncada e com ella a primeira palpitação do coração, um como primeiro amor por uma companheira de escola de face corada que trocava comigo santinhos coloridos. Ô os primeiros sorrisos, os brinquedos e as lagrimas de saudade da meninota corada e bonita, já na Bahia. Os versos que ainda lhe fiz! (070:0397)

Somente as cartas permitiram traçar corretamente a sua trajetória no Recôncavo Baiano de 1908 a 1911: em 1908 foi nomeado bibliotecário da Escola Agrícola da Bahia, sediada em São Bento das Lages; em 31 de março de 1911 foi nomeado Adjunto do Curso Primário do Aprendizado Agrícola da Bahia (Escola Media ou Theorico-Pratica de Agricultura) que foi sediado no Convento de Nossa Senhora das Brotas, próximo a São Bento das Lages. Como se lê em carta de 16 de março de 1913, os locais de residência são bem distintos:

---

<sup>21</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. “*Variantes autorais*” nas cartas de Arthur de Salles. Comunicação ao V Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários, Feira de Santana, 2000.

<sup>22</sup> Cf. TELLES, Célia Marques. Redesenhando o perfil de Arthur de Salles. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, 2002 (no prelo). Publicação dos trabalhos discutidos durante o V Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros.

<sup>23</sup> Cf. doc. 039:0183.

Daqui da Turrus Eburnea, prestes a desabar a sair sob o martello do carpinteiro, escrevo-te esta ultima carta. Quiz dital-a d'aqui entre estas quatro paredes brancas e nuas, neste ambito sagrado e eterno na memoria e na minha arte.

[...]

Daqui de onde te escrevo<sup>24</sup>, lançando o olhar pela janella, vejo-o, branqueiando no alto, o meu novo eremiterio, o convento de Brotas, ainda cheio das preces e das renunciadas dos que fazem da vida um deserto e uma thebaida. Para lá irá esta pobre alma viuva, este pobre coração magoada [sic], esta pobre lyra esbambeada, somente por ti amada, a vibrar por noutes ermas, a sua nota de saudade pungitiva. (063:0257)

Outro fato da vida de Arthur de Salles que ficou esclarecido pela carta de 22 de março de 1920 é a data de nascimento do seu quarto filho<sup>25</sup>, Otávio, nascido em novembro de 1919 e falecido, aos quatro meses, antes de 22 de março de 1920:

Em roda de um berço vasio, a olha-o viuvo da pequenina forma humana que há quatro mezes emballara, cheio ainda dos pequeninos pannos revoltos que a envolveram na vida!... Vasio, aqui perto de mim, onde escrevo e onde elle passara os ultimos dias terrenos, ora adormecido, ora acordado, ora sorrindo, ora chorando e onde eu o vi estorcer-se no soffrimento sem nome que o meu amor e as minhas lagrimas não puderam ouvir!.. Fôra o quarto que me chegara, em Novembro, numa risonha manhan de muito azul a que a minha alegria mais clara fizera e a que o meu amor dourara com os arreboes da esperança e da minha gloria de homem. Quatro mezes de existencia, gloriosos dias de convivio, na intimidade dos seus sorrisos, do seu choro, dos seus movimentos, do calor do seu corpo, da luz dos seus olhinhos negros e vivos, andejos como dous passarinhos. E tanta pacificação, tanta alegria, tanta crença, ele espalhara aqui, neste lar, dourando a minha solidão e a minha vida!.... Depois só o soffrimento, os dias e as noutes dolorosas, os seus gemidos, o seu choro convulso e lancinante como um punhal entrando os nossos dous corações, o meu e o da mãe martyrisada, afogada no pranto. Depois a esperança da saude alvorecendo emballadora..... e depois, meu amigo, a agonia, a morte..... (061:0221)<sup>26</sup>

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que dizem as cartas? De volta à proposta feita, pode dizer-se que são bastante loquazes. Mesmo o seu silêncio, o das datas, foi quebrado por elas mesmas! As cartas foram o caminho mais seguro para o conhecimento do autor e da sua obra. Mas, muito deve ser silenciado...

---

<sup>24</sup> Isto é, da Es cola Agricola da Bahia, em São Bento das Lages.

<sup>25</sup> As informações obtidas nas entrevistas com os familiares diziam que Otavio, o quarto filho de Arthur de Salles e de D. Aurelia Godinho de Salles, morrera “ de berço”.

<sup>26</sup> Este episódio inspirou o soneto *Berço vasio*.